

Mais casamentos entre pessoas do mesmo sexo

Estatísticas do IBGE mostram aumento de 15,7% no registro dessas uniões entre 2014 e 2015

RENATO GRANDELLE
renato.grandellem@oglobo.com.br

A médica Julie Lott, de 32 anos, e a engenheira Raphaela Lott, 27, namoravam desde 2011 quando, no ano passado, decidiram casar, retratando uma realidade que mereceu destaque no estudo "Estatísticas do Registro Civil", divulgado ontem pelo IBGE. Em 2015, o matrimônio de pessoas do mesmo sexo aumentou 15,7% em relação a 2014. Nas uniões legais de heterossexuais, o acréscimo foi de apenas 2,7%.

De acordo com o IBGE, o elevado percentual da união de pessoas do mesmo sexo deve-se, em parte, a uma resolução aprovada em 2013 pelo Conselho Nacional de Justiça, determinando que todos os cartórios de títulos e documentos celebrem o casamento e convertam a união estável de homossexuais em matrimônio.

— É uma medida recente, então certamente ainda há muitas pessoas do mesmo sexo que querem oficializar sua união estável — explica a demógrafa do IBGE Leila Ervatti.

— Tínhamos vontade de mostrar para as pessoas que este é um movimento normal — conta Julie. — É só mais um casamento, um casal que se ama. Agora, queremos construir uma família. Conseguimos um doador anônimo nos EUA e pusemos com nossos óvulos na barriga de Raphaela.

Coordenador da Diversidade Sexual da prefeitura do Rio, Carlos Tufvesson diz que o casamento, embora muitas vezes pareça apenas simbólico, visa à proteção da família e garante direitos patrimoniais.

— Existe uma diferença abissal entre união estável e casamento. Aos poucos os homossexuais começam relações com o intuito de torná-las mais duradouras e já consideram a possibilidade de um matrimônio.

O casamento entre pessoas do mesmo sexo, porém, equivale a 0,5% das mais de 1,1 milhão de uniões legais registradas no ano passado. Considerando todos os matrimônios, o Rio foi um dos estados com maior aumento de uniões civis entre 2014 e 2015, com crescimento superior a 10%. O número de divórcios, por sua vez, caiu 3,7% entre 2014 e 2015 em todo o país, passando de 341.181 para 328.960.

MÃES A PARTIR DOS 30 ANOS

Além da mudança no perfil dos casamentos, o IBGE também sublinhou como a gestação é cada vez mais tardia. Em 2015, três em cada dez mulheres tinham filhos na faixa etária dos 30 aos 39 anos. Uma década atrás, este índice era de 22,5%.

— A mulher está buscando seu espaço no mercado de trabalho, quer ter tempo para estudar e crescer em sua profissão — explica Cristiane Moutinho, gerente de Estudos e Pesquisas Sociais da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE. — Diversos fatores devem ser considerados, como a cultura, economia e educação.

Silvana Granado, pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, assinala que, além do investimento na carreira, a idade mais avançada das mães retrata a mudança da estrutura familiar:

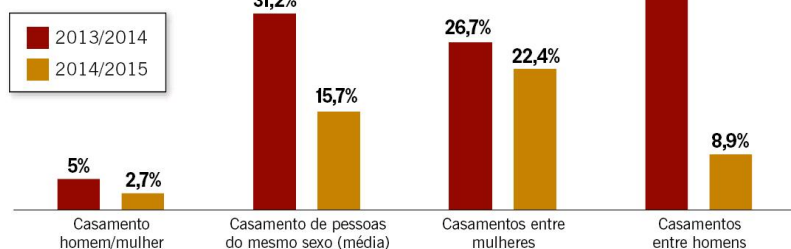


No altar. Julie e Raphaela Lott casaram em 2015: 'tínhamos vontade de mostrar que este é um movimento normal'

O BRASILEIRO QUE SOBE AO ALTAR

IBGE DESTACA ELEVAÇÃO DO MATRIMÔNIO DE PESSOAS DO MESMO SEXO

CRESCIMENTO DOS CASAMENTOS CIVIS NO BRASIL



Fonte: IBGE

Editoria de Arte

— As mulheres se divorciam, envolvem-se em novas relações e, assim, têm disposição para mais uma gestação. Acredito que o índice das mães que começam a ter filhos após os 35 anos pode deixar de crescer, porque as chances de engravidar diminuem, e as mulheres estão mais sujeitas a problemas como hipertensão e diabetes.

No capítulo voltado aos óbitos, o Brasil exibiu um acréscimo de 24% no número de mortes em uma década, passando de 992.477 em 2005 para 1.227.396 no ano passado.

O aumento dos registros deve-se à diminuição da taxa de mortalidade entre bebês e crianças, fazendo com que um maior contingente de indivíduos chegue à terceira idade, onde a mortalidade é elevada.

— A pirâmide etária está virando um cilindro — observa Fernando Albuquerque, gerente do Projeto Componentes Demográficos do IBGE. — O percentual de óbitos será cada vez maior, e a fecundidade está diminuindo constantemente.

te. A população, hoje de 204,3 milhões, vai começar a encolher em 2043, quando chegarmos a 228,3 milhões de brasileiros.

Na terceira idade, em todo o planeta, as mulheres costumam viver mais do que os homens. No Brasil, porém, a diferença de mortalidade na juventude entre os sexos é ainda maior. No caso de óbitos violentos (provocados por agentes externos, principalmente violência no trânsito e homicídios), um homem de 20 anos teria 10,4 vezes mais chances de não chegar aos 25 anos do que uma mulher.

— Este índice está se estabilizando nas regiões Sul e Sudeste, onde há campanhas como a Lei Seca e fiscalização rígida à noite. As pessoas pensam duas vezes antes de beber. O Norte e Nordeste, por outro lado, não contam com programas de prevenção, e houve um crescimento significativo das mortes violentas. Em ambos casos, as mulheres se expõem menos a estes riscos — afirma Albuquerque. ●